



“DE ONDE VEM O OVO?”: PROTAGONISMO INFANTIL E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DO PIBID

Emerson dos Anjos Meira ¹

Lucimara Novaes de Oliveira ²

Clarice Carvalho Santos ³

Milane Silva Oliveira ⁴

Larissa Monique de Souza Almeida ⁵

RESUMO

Este relato refere-se a uma vivência do Subprojeto de Pedagogia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) realizada no dia 06 de junho de 2025 em uma turma de 04 anos de Educação Infantil no Centro de Educação Infantil Jorge Luiz Oliveira de Jesus, em Jequié, na Bahia. As vivências aconteceram ao longo de um projeto didático sobre o “ovo”, que teve como objetivo valorizar a exploração e a curiosidade das crianças a respeito deste conteúdo cultural. As atividades tiveram como foco o desenvolvimento do pensamento investigativo das crianças por meio da elaboração de um quadro de hipóteses, abordando questões relacionadas ao ovo: sua origem, composição, função e os animais que nascem a partir dele. Nesta perspectiva, o trabalho é pautado a partir da abordagem dos Círculos de Culturas da Infância - CRIA (Silva, 2024), e as ações desenvolvidas se fundamentam nos saberes e experiências das crianças (Silva e Almeida, 2024), provocando interesse pelo conhecimento científico e a ampliação vocabular e de seus conhecimentos já produzidos e são sistematizadas em *narrativas do cotidiano* (Silva, 2024). As crianças apresentaram hipóteses criativas e por vezes inusitadas, como a origem do ovo ser do “pinguim gelo” ou do “camarão”, como também um poema improvisado por uma das crianças mostrando a potência expressiva da infância. A experiência permitiu observar o protagonismo infantil na construção do saber, a importância da mediação docente na ampliação das hipóteses das crianças e o valor do diálogo como estratégia pedagógica. Nesse sentido, reafirma-se a relevância de práticas que considerem os saberes infantis como ponto de partida para o processo educativo, respeitando os tempos, os interesses e as singularidades de cada criança.

1 Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, 202220604@uesb.edu.br;

2 Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, 202320256@uesb.edu.br;

3 Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, 202320320@uesb.edu.br;

4 Graduada em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, milane.oliveira@uesb.edu.br

5 Professor orientador: Doutora em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, larissa.almeida@uesb.edu.br.



Palavras-chave: Protagonismo Infantil, Curiosidade, Educação Infantil, Infância.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência apresenta uma atividade desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), especificamente no Subprojeto de Pedagogia, junto a uma turma de crianças de 4 anos de idade, no Centro de Educação Infantil Jorge Luiz Oliveira de Jesus, em Jequié, na Bahia, como parte de um projeto didático mais amplo sobre o “ovo”. A atividade aqui relatada ocorreu no dia 06 de junho de 2025 e foi centrada na pergunta “De onde vem o ovo?”. A proposta justifica-se pela necessidade de fomentar uma educação dialógica e investigativa, que parta dos saberes e hipóteses infantis, promovendo o engajamento ativo das crianças no processo de aprendizagem e valorizando a exploração e a curiosidade das crianças a respeito deste conteúdo cultural.

O objetivo geral foi estimular o pensamento investigativo e a expressão oral por meio da elaboração de um quadro de hipóteses, no qual as crianças puderam expor suas ideias sobre a origem, composição, função e animais relacionados ao ovo. Metodologicamente, a atividade foi conduzida por meio de roda de conversa, observação participante e registros em diário de bordo, com mediação dos bolsistas e da docente regente, em consonância com os princípios da documentação pedagógica (Dahlberg, Moss e Pence, 2003).

Os resultados evidenciaram a riqueza do imaginário infantil, com hipóteses que variaram desde conhecimentos socialmente partilhados – como a associação do ovo à galinha – até construções inventivas, como a origem no “pinguim gelo” ou no “camarão”. Destacou-se, ainda, a emergência de um poema improvisado por uma das crianças, revelando a integração entre pensamento científico e expressão estética e mostrando a potência expressiva da infância.

A Educação Infantil, enquanto primeira etapa da Educação Básica, constitui-se como um espaço fundamental para o desenvolvimento integral da criança, no qual a curiosidade, a investigação e o protagonismo infantil devem ser valorizados como eixos norteadores das práticas pedagógicas. Nesse contexto, teóricos como Vygotsky (2007) e Larrosa (2002)





ressaltam a importância da mediação intencional e da experiência significativa no processo de construção de conhecimentos, enquanto a abordagem dos Círculos de Culturas da Infância – CRIA propõe uma escuta sensível às narrativas infantis, reconhecendo as crianças como produtoras de cultura e saberes, fundamentando as ações desenvolvidas nos saberes e experiências das crianças (Silva e Almeida, 2024), com o intuito de provocar interesse pelo conhecimento científico e a ampliação vocabular.

A discussão demonstrou que a prática não apenas ampliou o repertório das crianças, mas também reforçou a importância da mediação docente na validação e no aprofundamento de suas hipóteses e o valor do diálogo como estratégia pedagógica. Por fim, conclui-se que a experiência contribuiu para a efetivação de uma pedagogia da infância que respeita as vozes, os tempos e as singularidades das crianças, reafirmando o potencial transformador de práticas educativas ancoradas no protagonismo infantil e a relevância de considerar os saberes infantis como ponto de partida para o processo educativo

METODOLOGIA

O presente relato decorre de uma vivência de pesquisa-ação e formação inicial, desenvolvida no âmbito do Subprojeto de Pedagogia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). A intervenção pedagógica ocorreu especificamente no dia 06 de junho de 2025, em uma turma de crianças de 4 anos de idade, no Centro de Educação Infantil Jorge Luiz Oliveira de Jesus, localizado no município de Jequié – Bahia.

A atividade foi desenhada como parte integrante de um projeto didático mais amplo, que versava sobre o "ovo". O objetivo central da vivência era instigar a curiosidade, o pensamento investigativo e a exploração infantil em torno desse elemento cultural e científico, partindo do princípio de que os saberes prévios das crianças são o ponto de partida para a construção de novos conhecimentos, em consonância com a abordagem CRIA.

Procedimentos da Coleta de Dados e Intervenção:

A atividade central da vivência foi a elaboração de um Quadro de Hipóteses que serviu como instrumento pedagógico e de coleta de dados. A condução metodológica seguiu as seguintes etapas:





Roda de Conversa Inicial (Suscitação de Hipóteses): A prática teve início com uma roda de conversa, mediada pelos bolsistas e pela professora regente. A pergunta norteadora "De onde vem o ovo?" foi lançada para o grupo. Foi utilizada uma escuta sensível para acolher todas as falas, ideias e suposições das crianças, estimulando a livre expressão oral.

Registro no Quadro de Hipóteses: As diversas concepções das crianças acerca da origem, função, composição do ovo e dos animais que dele nascem foram sistematicamente registradas em um grande painel (o quadro de hipóteses), visível para toda a turma. O registro foi feito de forma textual (pelos adultos) e, quando possível, com desenhos e símbolos, para validar as diferentes formas de expressão infantil.

Observação Participante e Diário de Bordo: O método baseou-se fundamentalmente na observação participante, na qual os bolsistas do PIBID atuaram diretamente na mediação das interações, enquanto simultaneamente registravam as nuances do processo. As falas, reações, interações e as hipóteses mais inusitadas das crianças (como "pinguim gelo" e "camarão") foram detalhadamente anotadas em um Diário de Bordo, que constituiu o principal instrumento de registro qualitativo da pesquisa.

O método utilizado, que valorizou as falas infantis como dados qualitativos de um processo investigativo, está alinhado aos princípios da documentação pedagógica (Dahlberg, Moss e Pence, 2003). O caráter pedagógico e acadêmico da experiência, vinculada ao PIBID, garantiu o rigor na utilização e análise das produções orais das crianças, preservando a ética na pesquisa educacional e assegurando a confidencialidade e o direito de imagem/fala dos participantes, conforme as normas institucionais.

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente estudo se insere e se fundamenta nos pressupostos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que tem como finalidade primordial proporcionar aos discentes dos cursos de licenciatura a inserção no cotidiano das escolas públicas de Educação





Básica. Essa inserção, conforme preconizado pelo Programa, não se restringe à observação, mas visa à articulação entre teoria e prática, promovendo a reflexão crítica e a produção de novas metodologias. Nessa perspectiva, o relato aqui apresentado está ancorado nos pressupostos teóricos e pedagógicos que fundamentam a abordagem dos Círculos de Culturas da Infância – CRIA, proposta por Silva e Almeida (2024), que se configura como uma perspectiva educativa que valoriza as crianças como produtoras de cultura e sujeitos ativos no processo de construção de conhecimentos. A vivência no PIBID, ao mediar a relação entre a universidade e a escola, cria o ambiente ideal para que os bolsistas possam experimentar e validar, junto à docente regente, práticas investigativas e dialógicas, como a que envolveu o tema do "ovo".

De acordo com as autoras, os Círculos de Culturas da Infância representam uma:

Abordagem pedagógica fundamentada nos pressupostos freireanos sobre os Círculos de Cultura, na teoria Histórico-Cultural do desenvolvimento humano (Vigotski, 2010), nos fundamentos das Pedagogias da infância que têm como referência, as crianças e suas infâncias em contextos distintos (Barbosa, 2010), e na Sociologia da infância (Sarmiento, 2003). (SILVA E ALMEIDA, 2024, p. 82).

Nessa perspectiva, as crianças são compreendidas como seres sociais imersos em culturas, que interpretam o que vivem e produzem suas identidades culturais. Como destacam Silva e Almeida (2024, p. 77), “as crianças das narrativas do cotidiano vivido na Educação Infantil são seres sociais imersos em culturas, que interpretam o que vivem e produzem suas identidades culturais”. Essa concepção ressalta a agência infantil e a importância de uma escuta sensível por parte do adulto, que deve acolher e ampliar as curiosidades e hipóteses elaboradas pelas crianças.

Essa abordagem dialoga profundamente com a concepção de documentação pedagógica proposta por Dahlberg, Moss e Pence (2003), que vai além de um simples registro, transformando-se em uma postura de escuta ativa que torna os processos de pensamento das crianças visíveis, tanto para os educadores quanto para o grupo. Ao registrar e valorizar as hipóteses das crianças no quadro, a prática descrita realiza exatamente essa documentação, convertendo as falas espontâneas em objetos de reflexão coletiva e, assim, consolidando a função reflexiva e interventiva do PIBID.





Nesse contexto, a mediação do adulto, fundamentada na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (2007), é crucial. O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) – a distância entre o que a criança consegue realizar sozinha e o que ela pode alcançar com a orientação de um parceiro mais experiente – ilumina a atuação dos bolsistas e da professora regente. Eles não se limitaram a coletar hipóteses, mas, a partir delas, instigaram novas perguntas, confrontaram ideias e ampliaram o repertório, potencializando o desenvolvimento do pensamento investigativo, em um exercício prático de formação docente promovido pelo Programa.

Por fim, a fala poética e as hipóteses "inusitadas" encontram eco na defesa que Larrosa (2002) faz da experiência em oposição à mera informação. Para o autor, a experiência verdadeira é aquela que nos toca, nos transforma e nos permite um contato singular com o mundo. A criança que cria um poema sobre o ovo não está apenas reproduzindo um dado, mas vivendo uma experiência estética e significativa, demonstrando que a infância é, por excelência, um tempo de produção de sentidos e linguagens próprias, e que a vivência no PIBID possibilitou a criação desse espaço de expressão singular.

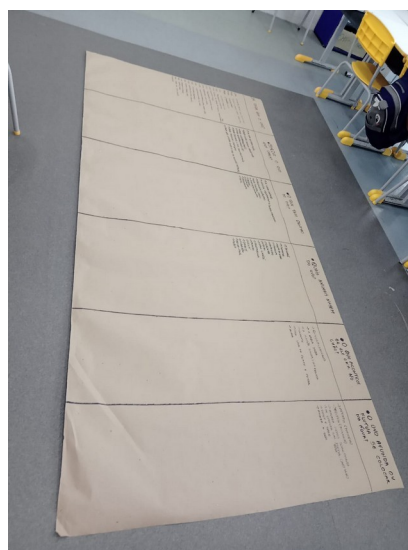
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção do quadro de hipóteses permitiu às crianças expressarem ideias criativas, inusitadas e reveladoras de sua forma singular de compreender o mundo. Algumas respostas evidenciaram conhecimentos prévios mais comuns, como Arthur, que afirmou: “O ovo vem da galinha”. Outras, porém, mostraram o caráter inventivo da infância, como Maria Aparecida, ao dizer que o ovo vinha do “pinguim gelo”, ou Amós, que sugeriu o “camarão” como origem do ovo.





Figuras 1 e 2. Quadros de hipóteses.
IX Seminário Nacional do PIBID



Fonte: Acervo dos autores, 2025

Destaca-se também o episódio em que uma criança improvisou um poema sobre o ovo, revelando a potência da linguagem poética e da imaginação no processo educativo. Essas falas e produções demonstram que o quadro de hipóteses é um recurso metodológico eficaz para estimular a participação, o diálogo e a reflexão das crianças, aproximando-as de um olhar investigativo sobre a realidade. Além disso, a mediação docente se mostrou fundamental para ampliar e ressignificar as hipóteses, promovendo a construção coletiva do saber.

A análise das hipóteses levantadas pelas crianças revela a coexistência de diferentes níveis de conhecimento e a livre associação, características do pensamento infantil. Quando Arthur afirma com segurança a origem galinácea do ovo, ele demonstra ter internalizado um conhecimento socialmente partilhado, um "conceito espontâneo" no sentido vygotskiano (VYGOTSKY, 2007). Já as associações com o "pinguim gelo" e o "camarão" ilustram a lógica inventiva das crianças, que opera por analogia, proximidade afetiva ou características perceptivas (como a forma ou a textura), transcendendo as classificações científicas convencionais. Longe de serem "erros" a serem simplesmente corrigidos, essas hipóteses são janelas valiosas para a compreensão de como as crianças constroem, de forma ativa, suas teorias explicativas sobre o mundo.



Figuras 2 e 4: Trechos da narrativa.

– De onde vem o ovo?

Maria Liz (5 anos e 1 mês):

– O unicórnio nasce do ovo!

José Emanuel (5 anos e 1 mês):

– Do buraco da árvore da casa do coelho!

Enquanto isso, Amós ao lado do Pibidiano Emerson não parava de conversar, e até poema enquanto o quadro era construído, ele compôs:

Amós (4 anos e 2 meses):

– “O ovo vem dali,
Do caminho,
O caminho é do ovo.
Caminhando o ovo, ele
passou,
Caminhando o ovo, ele
pocou,
Caminhando o ovo, ele
vai,
Não Vai!”

Enquanto estávamos tentando ouvir as respostas de todas as crianças de onde vinha o ovo, de repente, tivemos outra resposta:

Luís Augusto (Gutinho) (4 anos e 4 meses):

– Do hipopótamo!

Prontamente Amós respondeu de uma forma, digamos, com um tom de decepção.

Amós (4 anos e 2 meses):



ele ao cair no chão. As respostas foram variadas e criativas, refletindo o olhar curioso e imaginativo das crianças.

Ao iniciarmos com a primeira pergunta: “De onde vem o ovo?”, percebemos que houve bastante participação das crianças, pois logo elas foram respondendo várias respostas variadas.

Arthur (4 anos e 11 meses):

– Da galinha!

Maria Aparecida (5 anos):

– Do pinguim-gelo!

Théo (4 anos e 11 meses):

– Do Coelho!

E adivinha quem mais respondeu? Ele mesmo, Amós, sempre pronto pra brilhar.

Amós (4 anos e 2 meses):

– Do camarão!

As professoras e nós, pibidianos, não entendemos. Daí, perguntamos novamente: “De onde vem o ovo, meu amor?”

Amós (4 anos e 2 meses):

– O ovo vem do camarão, vem do ovo de Páscoa, vem do meu portão.

O Pibidiano Emerson, que estava muito inquieto para ouvir o que outras crianças também estavam falando, comentou:

Pibidiano Emerson:

– Eu já ouvi mais duas aqui!

Então, ele se vira para elas e repete a mesma pergunta de forma direta.

Pibidiano Emerson:

Fonte: acervo dos autores, 2025

O poema improvisado, por sua vez, foi o ápice da potência expressiva da infância. Esse evento vai ao encontro do que defendem Silva e Almeida (2024) ao valorizarem as narrativas do cotidiano. A linguagem poética emergiu não como uma atividade planejada, mas como uma expressão genuína do repertório e da sensibilidade da criança, demonstrando que o conhecimento científico e a experiência estética podem e devem caminhar juntos na Educação Infantil. Esta fala, registrada e valorizada, tornou-se um documento pedagógico (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003) da riqueza simbólica do grupo.

A mediação realizada, portanto, não se pautou por uma lógica de “pergunta e resposta correta”, mas por uma escuta sensível que acolheu todas as contribuições. Ao fazer isso, os educadores criaram um ambiente que Larrosa (LARROSA, 2002) classificaria como propício à experiência, onde o saber pôde circular de forma dialógica e transformadora. Dessa forma, o quadro de hipóteses mostrou-se não só um recurso para diagnosticar o que as crianças sabiam,





mas uma ferramenta dinâmica para a construção compartilhada de novos entendimentos, efetivando os princípios dos Círculos de Cultura da Infância - CRIA.

Como afirma Silva e Almeida (2024), a sistematização das narrativas do cotidiano infantil é essencial para compreender como as crianças produzem sentidos e elaboram conhecimentos, e foi exatamente esse movimento que se observou na prática relatada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do PIBID/Pedagogia, centrada na pergunta “De onde vem o ovo?”, permitiu-nos constatar a força do protagonismo infantil e do pensamento investigativo como eixos estruturantes da prática educativa na Educação Infantil. Por meio da construção coletiva de um quadro de hipóteses, as crianças não apenas externalizam seus saberes prévios, mas também se revelam capazes de elaborar teorias explicativas complexas, inventivas e profundamente ligadas ao seu repertório cultural e afetivo.

A mediação docente, fundamentada nos pressupostos dos Círculos de Culturas da Infância – CRIA, mostrou-se essencial para acolher, valorizar e ampliar as vozes infantis, transformando a curiosidade espontânea em uma ferramenta de construção de conhecimento. A escuta sensível e o registro atento das narrativas do cotidiano permitiram que hipóteses como as do “pinguim gelo” ou do “camarão” fossem compreendidas não como equívocos, mas como expressões legítimas de um pensamento em construção, marcado pela analogia, pela imaginação e pela experiência singular com o mundo.

Além disso, a emergência de linguagens poéticas no decorrer da atividade reforçou a importância de integrar dimensões estéticas e científicas no cotidiano escolar, evidenciando que a infância é, por excelência, um território de produção de sentidos e significados.

Do ponto de vista formativo, a vivência reitera a relevância de práticas pedagógicas que partam dos interesses e saberes das crianças, respeitando seus tempos e singularidades. Para a formação docente, experiências como essa destacam a necessidade de um olhar investigativo e aberto ao inusitado, capaz de reconhecer nas falas e ações infantis potentes oportunidades de aprendizagem mútua.





Como perspectiva para futuras investigações, sugere-se a ampliação de estudos que explorem a documentação pedagógica como ferramenta de formação continuada de professores, bem como a realização de projetos de maior duração que acompanhem a evolução das hipóteses infantis ao longo do tempo. A abordagem dos Círculos de Culturas da Infância mostra-se promissora para repensar currículos e práticas, em diálogo constante com as infâncias reais que habitam nossas escolas.

Por fim, reafirma-se que educar na primeira infância é, antes de tudo, criar condições para que as crianças sejam autoras de seus próprios percursos de descoberta – e é nesse movimento que a educação se revela verdadeiramente transformadora.

REFERÊNCIAS

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Orgs.). **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2003. p. 9-34.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira; ALMEIDA, Larissa Monique de Souza (orgs.). **Círculos de culturas da infância: narrativas do cotidiano da Educação Infantil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 355 p.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PALHARES, Odana. **O ensino e a aprendizagem da matemática na perspectiva piagetiana**. Marília: *Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, v. 1, n. 1, p. 108–115, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/scheme>>. DOI: 10.36311/1984-1655.2008.v1n1.p108-15. Acesso em: 19 out. 2025.



